

A GEOPOLÍTICA DO CANGAÇO: UMA ANÁLISE DAS RELAÇÕES ENTRE SERTANEJOS E CANGACEIROS

Leandro Branco da Silva

Resumo: O presente trabalho procura discutir as relações sociais existentes entre cangaceiros e coiteiros, entre os próprios cangaceiros através da moeda de troca que circulava na época e que no contexto atual é um pouco difícil de compreendê-la: os valores morais como a honra e a gratidão por favores prestados, bem como o reflexo dessas representações na contemporaneidade sertaneja.

Palavras-chave: Valores morais, Relações Sociais, Cangaceiros, Coiteiros.

Introdução

Ante a necessidade de se compreenderas práticas inerentes ao fenômeno cangaço, faz-se necessário a apreensão dos elementos que constituem o cotidiano, os costumes e o modo de vida do homem sertanejo do principio do século XX. Neste contexto a análise da cultura do sertão exige a compreensão das ressignificações atribuídas pelo sertanejo aos conceitos como moral, família, justiça, ética e outros.

O distanciamento do centro político nacional do principio do século XX, provocou a formação de um conjunto de práticas que adaptaram o sertanejo a uma conjuntura de “lei do mais forte”, possibilitando para a sobrevivência nas adversidades sertanejas, o surgimento de grupos armados que passaram a viver e conviver com princípios de ética e moral próprios, renegando as regras constituídas pelas leis e impondo a lei de sertão.

A figura do cangaceiro é, portanto, a consequência ou resultado de um conjunto de elementos que preexistem a ele, representando valores e costumes construídos por uma sociedade peculiar ao momento, no qual se inseriam, o cangaceiro é, sobretudo um sertanejo, essas duas figuras se concebem sem as suas guardadas relações, pois se confundem em um contexto histórico que os favoreciam como protagonistas do Nordeste do século XX e como objeto de estudo para a posterioridade.

1. A formação do pensamento sertanejo

É de fundamental importância para compreensão do nosso trabalho entendermos como a cultura e os valores morais dos sertanejos foram construídos ao longo da história. Isso porque ao discutimos as relações sociais do tempo do cangaço encontraremos muitas explicações dos estudiosos da dessa temática fundamentadas nos mesmos. O que pretendemos neste momento é apenas destacar alguns traços morais importantes da cultura do sertão nordestino nos séculos XIX e XX.

Em primeiro lugar, vamos levar em consideração as circunstâncias do processo de colonização do sertão. A pecuária, que teve que se deslocar do litoral por causa da agroindústria canavieira, trouxe à colonização da região elementos muito diferentes daqueles encontrados na mata canavieira. Podemos citar, por exemplo, a incorporação de costumes indígenas na alimentação e no uso do solo.

Outro fator importante que contribuiu para que a cultura sertaneja se diferenciasse da cultura dos habitantes da mata foi o isolamento geográfico. As condições climáticas consideradas por muitos inóspitas e a dificuldade de se praticar a agricultura comercial em larga escala não incentivaram a migração para o sertão. Esse fato praticamente tornou a região uma sociedade fechada que só tinha contato com o que acontecia no restante do mundo pelas notícias que os que viajavam da capital traziam. A cultura da capital era recusada pelos sertanejos o que de certa forma, pode ser percebido até hoje.

Podemos então dizer que ao longo dos séculos XVII, XVIII e XIX a cultura sertaneja pouco se alterou conservando o que iremos chamar de medievalismo sertanejo que se caracterizava por:

- Elevado apego pela terra, sendo ela considerada a fonte de riqueza dos sertanejos. A defesa da propriedade, por exemplo, era considerada parte das obrigações de qualquer homem sertanejo. Além disso, desenvolveu-se nele um sentimento de topofilia, isto é, amor pela terra;
- Religiosidade exagerada. A fé é facilmente vista nas promessas feitas pelos agricultores para pedir chuvas nos anos de seca ou ainda as constantes visitas aos grandes templos de fé.
- A família como unidade social de fundamental importância superando em alguns casos a importância do Estado.
- A necessidade de um poder político local que representasse a ordem, que nesse caso eram os coronéis. Eles muitas vezes mantinham a ordem local, julgavam e puniam os criminosos. Nas suas terras eram lei-patriarcalismo.

A cordialidade e um código moral que acima de tudo deveria ser respeitado como os dos cavaleiros medievais. Observe o que Cunha *apud* Mello (2004:46);

“[...] conclui ser o sertanejo um ‘ser retrógrado’[...]. Retrógrado porque envolto por toda uma estrutura familiar, política, moral e religiosa arcaica e arcaizante, fruto de isolamento de séculos. É conhecida a religiosidade [...] capaz de facilmente resvalar em fanatismo. Também o são rigidez familiar [...]

Assim, o sertão de forma simples pode ser comparado com um conjunto de feudos com características bem singulares. É claro que esta analogia não deve ser levada como uma referência metodológica. Aqui o que se pretende destacar é que a cultura do homem sertanejo foi constituída de elementos que fora de seu contexto histórico-geográfico-social não fazem sentido algum muitas vezes. Este talvez seja um dos erros mais comuns cometidos por alguns estudiosos da temática cangaço: estereotipar personagens como heróis ou bandidos, ou contextualizar situações ocorridas ou ainda julgar os costumes e valores morais comuns naquela época. Por isso, se faz necessário se reportar ao passado e analisá-lo a partir de suas peculiaridades e de preferência sem cometer nenhum preconceito histórico.

2. A geopolítica aplicada ao cangaço

Apesar de ser um termo criado no final século XIX e somente ter despontado nos centros acadêmicos em meados do século XX, a geopolítica constitui um dos ramos de estudo da geografia mais importantes da atualidade. Isso decorre ao fato das aceleradas mudanças ocorridas no mundo. Com o processo de globalização, a revolução tecnico-científica-informacional intensificou as mudanças político-sociais.

Para compreendermos como a geopolítica irá nos fornecer subsídios para discutirmos as relações sociais do cangaço vamos usar o conceito de Castro (2009:35): "analisa como os fenômenos políticos se territorializam e recortam espaços significativos das relações sociais, dos seus interesses, solidariedades, conflitos, controle, dominação e poder". A geopolítica, portanto, não se preocupa com a escala dos fenômenos políticos e sim com o seu significado para a constituição da sociedade e suas consequências para o futuro da mesma.

Dessa forma para se fazer uma análise geopolítica do cangaço, se faz necessário resignificar alguns conceitos norteadores da geopolítica. Entre eles o conceito de território. Este no cangaço vai muito além do que uma área onde existam relações de poder ou delimitações por lei. É toda a terra sertaneja que provê os meios de subsistência e, por isso, todos devem ter acesso a ela. Tem o que chamaremos de função social, isto é, promove a igualdade ou pelo menos garante oportunidades iguais a todos.

Outro conceito importante é o conceito de lugar. É onde possuímos laços afetivos. No caso do cangaço é todo o sertão e não um local específico, já que ser cangaceiro significa ser

nômade. O sertão, portanto é lugar e território dos cangaceiros ultrapassando os limites municipais e federais.

3. As relações sociais do cangaço

Esta é a parte mais importante deste trabalho. Tudo o que foi discutido até agora foi para compreendermos as linhas a seguir. Para efeito de estudo dividiremos estas relações em três grupos:

- Cangaceiros X cangaceiros;
- Cangaceiros X coiteiros;
- Cangaceiros X sociedade.

Para essa análise consideraremos o cangaço como uma sociedade paralela existente no sertão durante os séculos XIX e início do século XX. Isto por que tinha suas particularidades, apesar de ter o mesmo código de honra que norteava as relações entre os sertanejos. Em certos casos esse código tinha interpretações bem particulares. Segundo Mello (2004) existia três tipos de cangaceiros: os que ganhavam a vida com esta atividade praticando o banditismo; os que entravam no cangaço buscando algum tipo de vingança; e ainda outro grupo que usava o cangaço como meio de se proteger. Cada um justifica suas ações no código de honra comum a eles. Era uma espécie de fundamentalismo ético ao qual Mello na mesma obra Chamou de “escudo ético”.

3.1. Cangaceiros x cangaceiros

Entre os membros de um bando, além do código de honra valia as determinações do chefe do bando. As punições para quem desrespeitasse as ordens ou o código poderiam variar desde castigos físicos ou até mesmo a morte. Mesmo com tudo isso ser cangaceiro significava ter status social e, portanto gozar de certa notabilidade social.

3.2. Cangaceiros x coiteiros

Neste segundo caso existem muitas indagações sendo as mais comuns: por que pessoas comuns apoiavam os cangaceiros? Por que lhes forneciam mantimentos e abrigo? Por que não os entregavam à volante?

No caso de Lampião e dos demais cangaceiros que praticavam banditismo a resposta é a seguinte: eles tinham uma grande atividade diplomática sustentada na confiabilidade da palavra e de negócios altamente lucrativos e que favoreciam ambos. “os frutos da atividade diplomática de Lampião podem ser resumidos nestes três trunfos conseguidos: a simpatia dos sertanejos [...]; adesão de novos cangaceiros [...] e a organização e eficiente rede de coiteiros. (MELLO, 2004: 209).

Em sua passagem pela Bahia, ficam claros exemplos do que foi citado acima. Segundo Fontes (2001) Lampião gostava que todos soubessem que ele era capaz de cumprir sua palavra e por isso ganhou a confiança de coiteiros. Ainda segundo o autor Lampião sempre que fazia contra dívidas as pagava no prazo e mantendo o combinado. Só assim era possível sobreviver o máximo possível e agradar pagando aos que lhe davam guarita, amigos e coiteiros. Como defenderia Mauss, uma espécie de potlach sertanejo.

3.3. Cangaceiro x sociedade

Veja a importância que Lampião dava a sua imagem perante a sociedade: “se não matasse aqueles que não o obedeciam, terminaria por ficar desmoralizado na sua posição de chefe, perderia o respeito dos sertanejos e terminaria arruinado”. (FONTES, 2001:159)

Os cangaceiros não eram só temidos pelos sertanejos como boa parte da literatura do cangaço afirma. Eles também eram admirados e respeitados. Não pela prática do banditismo ou dos seus atos violentos, mas por ser também fruto do Medievalismo sertanejo: eram religiosos, apegados a terra e seguiam o código de ética do sertão.

Conclusão

A constituição do código moral dos sertanejos que nortearam as relações sociais na época do cangaço foram construídas a partir dos seguintes fatores:

- Isolamento geográfico;
- Forte inclinação às tradições medievais clássicas;
- E ao apego a terra.

As relações sociais neste período além de motivadas por este código ainda eram apoiadas por outros dois elementos:

- Interesses econômicos;
- Admiração dos sertanejos pelos cangaceiros.

Alguns valores sociais da época do cangaço ainda resistem como valores morais apreciados pelos sertanejos contemporâneos como, por exemplo, a confiabilidade da palavra, a valentia, o apego a família e a terra.

O sertanejo e o cangaceiro apesar de constituírem sociedades diferentes tinham o mesmo código de conduta moral, porém com interpretações diferentes. Ora ambos se confundem em suas atitudes quando as situações em que se defrontam são semelhantes.

O sentimento pela terra e o amor pela família fazem unem sertanejos e cangaceiros formando uma única sociedade a do sertão nordestino. Tal fato pode ser comprovado pelas novas diretrizes dada à geopolítica do cangaço.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Amaury, Antônio & Ferreira, Vera. De Virgulino a Lampião. São Paulo: Idéia Visual, 1999.

Castro, Iná Elias de. Geografia e política: território, escalas de ação e instituições. 2ª Ed- Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.

Fontes, Oleone Coelho. Lampião na Bahia. Petrópolis: Editora Vozes, 2001.

Maciel, Frederico Bezerra. Lampião seu tempo e seu reinado. Petrópolis: Editora Vozes, volumes I a V, 1985 1986 e 1987.

Macedo, Nertan. Sinhô Pereira: o comandante de Lampião. Rio de Janeiro: Editora Artenova, 1975.

Mello, Frederico Pernambucano de. Guerreiros do sol: violência e banditismo no nordeste do Brasil. São Paulo: Editora Girafa, 2004.

Santos, Milton. A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção. 4º Ed. São Paulo: Edusp, 2009.